

TRABALHO VOLUNTÁRIO E TRANSCENDÊNCIA: RELATOS DE UMA PEDAGOGIA QUE SE PRETENDE SOCIAL

Margareth Martins de Araújo ¹



*Eu vejo um novo começo de
era
De gente fina, elegante e
sincera
Com habilidade
Pra dizer mais sim do que
não, não, não (Lulu Santos)*

Esperançar é preciso! Ao pensar na XI Jornada de Pedagogia Social da FEUFF, ocorrida no mês de agosto de 2018, este sentimento me invade... Volto no tempo embalada pelos versos de Lulu Santos, prossigo em minhas reflexões acerca da jornada humana ao longo da vida. Cada vida uma jornada, cada jornada uma travessia, cada travessia uma oportunidade de ser ponte unido pessoas, servindo uns aos outros. Já diz o dito popular: “Quem não vive para servir, não serve para viver.” Eis uma tônica da Pedagogia Social que realizamos: SERVIR!

Ao olhar o auditório, em pleno sábado, repleto de pessoas que voluntariamente se dedicaram a servir, compartilhar, trocar e aprender... Um processo alegre, respeitoso, humanizado e ético. Foi uma manhã luminosa,

¹ Coordenadora do Grupo PIPAS-UFF.

cuja produção consta nessa revista como forma de reverberar o vivido. Foi uma honra poder participar de um momento pedagógico – social tão necessário nos dias atuais. Sim, posso afirmar com Lulu Santos: “Eu vejo um novo começo de era/ De gente fina, elegante e sincera/ Com habilidade pra dizer mais sim do que não, não, não”.

É chegado o momento de novas relações pedagógico-sociais, apoiadas nos ensinamentos da convivência, da gentileza, do servir ao próximo, como tarefa educativa do convívio humano. Eis uma pedagogia especialíssima que, como destemida, avança no sentido de outra humanidade.

*Eu vejo a vida mais clara e
farta
Repleta de toda satisfação
Que se tem direito do
firmamento ao chão (Lulu
Santos)*

Com o passar dos anos, o convívio social tem se tornado cada vez mais difícil, exigindo da escola outras habilidades para as quais ainda não se tem formação, a não ser, na escola da vida. É *nela e com ela*, que aprenderemos, com a própria natureza, interna e externa ao homem, a encontrar pistas para a superação dos desafios que teimam a nos desafiar, se impondo cotidianamente. São desafios oriundos de inúmeras situações sociais de abandono, violência e desumanidade a cunhar um ser humano que reage aos atos sofridos da mesma forma e intensidade ou maior. Ao quadro narrado é possível acrescentar políticas de educação capazes de produzir a falência do sistema educacional, tramando o seu desmonte e adoecendo seus atores. Torna-se possível a seguinte indagação: como trabalhar com a desumanização social no tecido das relações que se estabelecem dentro da escola?

Diante do quadro desafiador, que hora se apresenta, cabe ao educador social empunhar a bandeira do convívio fraterno, ético e coletivo não apenas entre os educadores educandos, mas no mundo. A isso chamamos de *Pedagogia da Convivência*, **uma atitude educacional restaurativa capaz de transformar as relações utilizando os antídotos da paz, da harmonia, do respeito, da gentileza e da solidariedade, entre outros.** (grifos nossos)

Trata-se da construção de uma engenharia pedagógico-social capaz reagir ao fluxo de interdição educacional, implantado e implementado, há anos no interior das escolas. A engenharia a qual me refiro chama-se trabalho voluntário. A tônica deste trabalho é o SERVIR como viço do ser, é a de *fazer o bem sem olhar a quem*. Uma postura diante da vida em consonância com a Lei de Ouro do convívio social. O trabalho voluntário funciona como um bem-querer pedagógico-social a emanar influxos de superação de processos institucionais e pessoais. Envolve, portanto, afeto, intelectualidade e compromisso político. Uma tríade composta de sentimento, pesquisa e serviço a afetar as interações entre os seres humanos na busca da sociabilidade.

O trabalho voluntário como transcendência é um quefazer humano, que resgata vidas, toca almas e nos faz viver o paraíso na terra, ao superar dilemas humanos como as barreiras da política, da religião, da conta bancárias e da cor da pele, por exemplo, restando apenas o servir como fonte capaz de ativar princípios dignos da existência do ser. Aos que doam nada custa, aos que recebem muito significa. O trabalho voluntário é uma militância política multiplicadora do bem-querer e da paz entre os homens.

O tempo passa e escorre pelas mãos mesmo sem se sentir, como nos diz o autor. Ao passar deixa marcas indelévels na humanidade capazes de se projetar, para o bem ou para o mal. É simples assim, com toda a complexidade que habita o simples, somos desafiados a cada dia, através do seu tempo-espaço, a semear o fruto da benignidade restaurando, através das relações pessoais e interpessoais, aquilo que o ser tem de melhor: **a sua própria humanidade**. Por isso, sinto-me impelida a compartilhar uma fábula:

“Um jovem sempre escuto ao longo de sua infância ‘Quem planta tâmaras não colhe tâmaras’ isso porque as tamareiras levam de 80 à 90 anos para darem os primeiros frutos. Certa vez o jovem encontrou um senhor de idade plantando tâmaras e logo perguntou: - porque o senhor planta tâmaras se o senhor não vai colher? O senhor respondeu: - se todos pensassem como você, ninguém comeria tâmaras”.

O tempo que herdamos agoniza e socorrê-lo urge. Creia, é tarefa para muitos e o trabalho voluntário nos remete a ao exercício de uma engenharia-pedagógico-social e seus frutos alimentarão gerações. Aos que virão como diz o poeta. Certamente deixaremos como herança um mundo melhor para todos. Com o exposto até então, é possível afirmar que a Pedagogia Social está para a Educação assim como o ar está para vida. É tempo de despoluir o ar que respiramos, a vida que levamos e a educação que fazemos. É tempo de trabalho voluntária e Social.

*Hoje o tempo voa, amor
/Escorre pelas Escorre pelas
mãos / Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte amo(..)
(Lulu Santos)*

BIBLIOGRAFIA

CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: a arte de fazer*. Petrópolis, Editora Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e terra, 1998.

MORIN, Edgar. *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*. Editora Sulina, Porto Alegre, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pelas Mãos de Alice: o social e o político na Pós-Modernidade*. Cortez Editora, São Paulo, 1995.